

ANÁLISE DESCRITIVA DA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO CONTO “*JE NE PARLE PAS FRANÇAIS*” DE KATHERINE MANSFIELD

Letícia de Souza Gonçalves¹

A tradução é uma atividade que teve início com a necessidade humana de comunicar-se e, conseqüentemente, de fazer-se entender. De fato, tal busca social tem sido cada vez mais recorrente, já que o processo de globalização demanda o intercâmbio cultural entre nações e possibilita integração humana em todos os níveis. Essa evolução fez com que a ciência tradutória tomasse amplas proporções mundiais, o que permitiu o surgimento de estudiosos no assunto com o intuito de criar soluções pertinentes a situações tradutórias.

A atividade tradutória repercute em todas as áreas do conhecimento e gera contradições lingüísticas e culturais de praxe; porém, idéias divergentes, pensamentos filosóficos, entre outros impasses, compõem o cenário da tradução literária. A linguagem literária apresenta desafios a qualquer tradutor, pois pode ser considerada um desvio dos padrões formais da língua corrente.

Contudo, há inúmeras obras literárias traduzidas em diversos idiomas e inúmeros estudos a respeito da tradução de tal desvio apresentado na linguagem literária. Destacamos a obra de Katherine Mansfield que pode ser considerada um verdadeiro desafio a quem se propõe a traduzi-la devido à sua riqueza, não apenas gramatical, mas também semântica e à sua peculiar prosa poética. A autora destaca-se no mundo literário pelo seu estilo caracterizado por extrema penetração psicológica, sensibilidade aguda e tom muitas vezes irônico, revelando amiúde aspectos autobiográficos.

A obra de Katherine Mansfield é a expressão da inovação no que se refere, não somente à literatura produzida por mulheres, como também à produção literária de sua época.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, CEP: 19806-173.

Tendo seu ápice literário nas décadas iniciais do século XX, a escritora neozelandesa mantinha um estilo peculiar, proporcionando a originalidade narrativa e a renovação do conto. Em um período de transformações literárias, focalizando a expressão dos sentimentos e a captação da consciência do personagem, as narrativas de Katherine Mansfield ganharam vitalidade e criaram raízes profundas no solo da literatura universal, enfatizando, assim, a particularidade e a essência do homem moderno.

O livro de contos *Bliss and other stories* (1919) de Katherine Mansfield reúne narrativas construídas com esmero artístico e dotadas de musicalidade, símbolos e imagens que compõem a prosa poética. Tendo em vista sua aguçada sensibilidade literária e seu modo de reproduzir sentimentos intrínsecos da alma humana, elencamos o conto “*Je ne parle pas français*” inserido na referida obra a fim de apontarmos aspectos de sua prosa poética e analisarmos a forma como a escritora lida com a palavra em sua expressão artística.

Sendo assim, ressaltamos um dos escritores mais consagrados de nossa tradição literária e apresentamos sua carreira como tradutor de obras clássicas da literatura mundial, especificamente os contos de Katherine Mansfield. Érico Veríssimo iniciou sua atividade profissional na área das letras como tradutor de obras que faziam parte de seu acervo de leitura e, por conseguinte, tais obras tornaram-se sua fonte de inspiração para criações literárias posteriores.

O estudo da relação entre Katherine Mansfield e Érico Veríssimo por meio da tradução aprimora a tradutologia na medida em que explora os meios dos quais um escritor/tradutor faz uso para a geração do efeito. O autor Haroldo de Campos (1992, p. 35) declara que a “tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca” e que “quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação”. Discorrendo acerca de vertente semelhante, o filósofo francês Jacques Derrida afirma que estamos traduzindo todo o

tempo, posto que qualquer interpretação é tradução. Derrida parte do pressuposto de que tanto o texto de partida como sua tradução são produtos de leituras construídas. Portanto, tratando-se da prosa poética de Katherine Mansfield, faz-se mister compreender esse processo como expressão de interpretações individuais.

É com essa concepção que apresentamos, como nosso objeto de trabalho, a tradução para o português do conto “*Je ne parle pas français*” da obra *Bliss and other stories* de Katherine Mansfield feita pelo escritor Érico Veríssimo, a fim de realizarmos as devidas análises estilísticas.

Narrado pelo protagonista Raoul Duquette, “*Je ne parle pas français*” é a janela da consciência desse escritor de discurso virtuoso e, aparentemente, preocupado com princípios éticos. “Aparentemente” porque, no decorrer da leitura, conhecemos sua verdadeira índole disfarçada por detrás de falsos princípios. A história inicia-se em um café de Paris, onde Raoul Duquette está observando as pessoas ao redor e refletindo acerca da vida. Um fator relevante na narrativa é que o nome e o sexo do protagonista somente são revelados após muitas descrições do narrador. Até mesmo a frase que intitula o conto é evidenciada antes da apresentação de Raoul Duquette.

Em busca de papel para anotar inspirações repentinas formadas em sua mente de literato em formação, o protagonista encontra um pedaço de mata-borrão e sente uma profunda comoção ao ler a frase escrita com tinta verde *Je ne parle pas français* na parte inferior deste. O trecho que descreve a reação de Raoul Duquette é rico em palavras expressivas e sonoras, materializando linguisticamente a exasperação da personagem naquele momento único.

There! it had come – the moment – the geste! And although I was so ready, it caught me, it tumbled me over; I was simply overwhelmed. And the physical feeling was so curious, so particular. It was as if all of me, except my head and arms, all over me that was under the table, had simply dissolved, melted, turned into water. Just my head remained and two sticks of arms pressing on to the table. But, ah! the agony of

that moment! How can I describe it? I didn't think of anything (MANSFIELD, 1998, p. 46).

Vejamos a maneira como Érico Veríssimo recriou o trecho:

Pronto! – chegara o momento – o *geste!* E embora eu estivesse prevenido, fui tomado de assalto, derrubado, simplesmente esmagado! E a impressão física foi tão curiosa, tão singular... Era como se tudo em mim, exceto minha cabeça e meus braços, tudo em mim tivesse caído para baixo da mesa, ficasse derretido, dissolvido, virasse água. Subsistia apenas minha cabeça e as duas varas dos braços, apoiadas na mesa. Mas, ah! que agonia, a daquele momento! Como poderei descrevê-la? Não pensei em nada (VERÍSSIMO, p. 53).

O texto de Érico Veríssimo revela o sexo do personagem-narrador logo nos primeiros parágrafos, ao contrário do texto de partida. No excerto acima, as palavras “prevenido”, “derrubado”, “esmagado” e “tomado” referem-se a um indivíduo do sexo masculino e rompem a indeterminação do conto de Katherine Mansfield. Tendo em vista a neutralidade da língua inglesa quanto à especificação do gênero, o texto de partida provoca a dúvida no leitor no que se refere ao sexo desse narrador nas páginas iniciais. Esse aspecto do idioma está intimamente relacionado com a ambigüidade sexual de Raoul Duquette que se desvela no decorrer da leitura.

Após a leitura da frase-chave, o protagonista apresenta *flashes* de memória repentinos que trazem fatos do passado, revivendo o contexto no qual a afirmação *Je ne parle pas français* está inserida. A frase desperta tais sensações indescritíveis em Raoul Duquette, uma vez que sintetiza um acontecimento marcante de sua vida e provoca um sentimento de agonia com relação ao seu passado.

O foco narrativo de “*Je ne parle pas français*” é o fator determinante à percepção da ambigüidade sexual do protagonista Raoul Duquette. Sendo narrado em primeira pessoa, o conto cria uma atmosfera intimista e reservada do narrador e revela uma visão parcial do mundo ao seu redor. Tal mundo restrito de Raoul é descrito ao leitor de maneira que este receba detalhes de uma visão específica e se torne um acompanhante do protagonista em suas

recordações. Logo no início da narrativa, o leitor depara-se com uma voz peculiar que o relatará fatos cuja veracidade é duvidosa: “*I do not know why I have such a fancy for this little café. It’s dirty and sad, sad [...] I don’t believe in the human soul. I never have. I believe that people are like portmanteaux [...]*” (p. 43).

Esse “eu”, que se apresenta nas primeiras linhas, dirige-se a outro indivíduo exterior à história, porém de muita importância ao seu desenvolvimento. O personagem-narrador cria tal indivíduo com o intuito de servir-lhe como testemunha de suas ações e compreender seu papel naquele pequeno círculo social. Partimos do pressuposto de que o pronome pessoal empregado (*you*) não remete ao leitor, nem a personagens secundárias, mas sim ao próprio Raoul Duquette, indicando uma espécie de monólogo interior. O trecho a seguir ilustra tal interlocutor:

Do you believe that every place has its hour of the day when it really does come alive? That’s not exactly what I mean. It’s more like this. There does seem to be a moment when you realize that, quite by accident, you happen to have come on to the stage at exactly the moment you were expected. Everything is arranged for you – waiting for you. Ah, master of the situation! You fill with important breath. And at the same time you smile, secretly, slyly, because Life seems to be opposed to granting you these entrances, seems indeed to be engaged in snatching them from you and making them impossible, keeping you in the wings until it is too late, in fact... Just for once you’ve beaten the old hag (MANSFIELD, p. 44).

Agora, vejamos de que modo o tradutor Érico Veríssimo traduziu o fragmento acima:

Vocês acreditam em que todo o lugar tem sua hora do dia em que na verdade ganha vida? Não é isto exatamente o que quero dizer. É melhor explicar deste outro modo. Parece haver um momento em que sentimos que, por simples acidente, acontece entrarmos em cena no minuto exato em que éramos esperados. Tudo está preparado... a nos aguardar... Ah, eis-nos senhores da situação! Tomamos ares de importância. E ao mesmo tempo sorrimos secreta e dissimuladamente, porque a Vida parece negar-se a nos proporcionar essas entradas oportunas, parece até que se empenha em no-las roubar, tornando-as impossíveis, conservando-nos nos bastidores, até que seja tarde demais, muito tarde... Duma única feita conseguimos vencer a velha bruxa (VERÍSSIMO, p. 51).

O tradutor, a princípio, opta por traduzir “you” por “vocês”, no plural. No entanto, nas linhas abaixo, o pronome correspondente a “você” ou “vocês” em português é subtraído, passando a ser um verbo conjugado na primeira pessoa do plural (nós). Os verbos “sentimos”, “éramos”, “tomamos”, “sorrimos”, entre outros, sugerem coletividade e impessoalidade e, assim, modificam o caráter confessional do personagem-narrador.

Podemos perceber que o pronome simbolizando essa “segunda pessoa” inserida na narrativa está no singular a partir do fragmento: “*Oh, you’ve seen for yourself, but I could give you countless examples*” (MANSFIELD, p. 65). A palavra “*yourself*” indica a particularidade da expressão de Raoul Duquette, ou seja, o “outro” ao qual ele dirige-se é formado de sua própria personalidade única e peculiar. O tradutor utilizou o pronome “vocês” em sua recriação: “Oh, vocês viram com seus próprios olhos, mas eu podia dar-lhes exemplos incontáveis” (VERÍSSIMO, p. 79). Logo, a confissão do personagem-narrador transformou-se em um discurso coletivo e abrangente.

O trecho a seguir apresenta outro fator relevante à questão do foco narrativo:

My ‘proprietary’ eye noted the clean towels and covers, and the bed linen embroidered in red cotton. I thought them rather charming rooms, sloping, full of angles, just the sort of rooms one would expect to find if one had not been to Paris before (MANSFIELD, p. 59).

Érico Veríssimo traduziu da seguinte forma:

Meu olho de *proprietário* notou as toalhas limpas e as colchas e a roupa da cama bordadas em algodão vermelho. Achei os quartos encantadores, com teto em declive e cheios de ângulos, exatamente o tipo de alojamento que **a gente** esperaria encontrar se nunca tivesse estado em Paris antes (VERÍSSIMO, p. 70).

De maneira semelhante à tradução de “you”, “one” foi traduzido como “a gente”, que é a forma coloquial de expressão da primeira pessoa do plural. Nesse caso, tal solução tradutória é pertinente, uma vez que “one” expressa certa impessoalidade e abrange um grupo de indivíduos capaz de representar ações universais.

Dotado de uma sensibilidade aguçada, materializada em um discurso lírico e perspicaz, o jovem escritor francês Raoul Duquette transmite sensações ocultas oriundas de uma alma aparentemente feminina, ou seja, a narrativa desvela uma “voz íntima, que fala como quem conversa intimamente com um interlocutor” (CÉSAR, 1999, p. 241 – 2). O protagonista de “*Je ne parle pas français*” lança olhares aos elementos mundanos e exteriores com a mesma peculiaridade discursiva que avalia questões intrínsecas referentes a um espírito em conflito.

Enquanto está no café parisiense, surge na memória de Raoul Duquette a sua breve, porém, intensa relação com Dick Harmon e com *Mouse*, a mulher que o acompanha. Raoul Duquette conhece Dick e descobre que o mesmo é um escritor inglês a procura de dados acerca da literatura francesa. Raoul aproxima-se dele com a suposta intenção de conversar a respeito das distintas literaturas, pois declara que está desenvolvendo um estudo especial da literatura inglesa moderna. Inesperadamente, Dick lhe pergunta se gostaria de visitá-lo em seu hotel e Raoul infiltra-se sutilmente na vida desse inglês que pode lhe assegurar um bom futuro.

Em torno das três personagens, há símbolos narrativos e expressões que confirmam a feminilidade de Raoul e, por conseguinte, realçam a ambigüidade sexual do mesmo. No decorrer da narrativa, o protagonista aborda uma raça de cão, denominando a si próprio um Fox-Terrier devido à semelhança de seu nariz ao focinho desse cão. Sendo assim, destacamos os fragmentos subseqüentes: “*Out of my sight, you little perfumed fox-terrier of a Frenchman*” (p. 52), “*Away the little fox-terrier flew*” (p. 53), “*I waited for him and was even conscious of venturing a fox-terrier wag or two to see if he could possibly respond*” (p. 56), “*You must come! said Dick to the little fox-terrier*” (p. 57), “*... Come, my Parisian fox-terrier! Amuse these sad English! It’s no wonder they are such a nation for dogs*” (p. 60), “*And the faithful fox-terrier carried it across to him and laid it at his feet*” (p. 61).

Segundo o *Dicionário de símbolos* (2000, p. 180), o cão simboliza o herói civilizador, a potência sexual e a perenidade, além de ser um sedutor, incontinente e transbordante de vitalidade como a natureza. Por outro lado, a simbologia do cão faz dele o oposto do que seu discurso apresentou até então, devido ao realce dado ao lado masculino. Contudo, a especificação da raça do cão direciona ainda mais as possibilidades interpretativas do leitor de “*Je ne parle pas français*”. O Fox-Terrier é um cão de origem inglesa e é conhecido como o caçador de animais em tocas, como raposas ou animais de pequeno porte (ratos, camundongos).

Sendo um caçador de animais de tocas, o Fox-Terrier tem como estratégia de caça a observação e a espera paciente a fim de que sua presa deixe seu local de origem. Dessa maneira, a analogia do protagonista está intimamente relacionada com suas ações e descrições no decorrer da narrativa, isto é, a semelhança física do nariz de Raoul Duquette com o focinho do referido cão abarca características intrínsecas de personalidade. Ele apenas espera a aproximação de outras pessoas, porém mantém-se atento às demonstrações de fraqueza e carência das mesmas, para, enfim, abordá-las sutilmente.

A analogia completa-se com a personagem *Mouse*, a mulher que acompanha Dick Harmon em seu retorno a Paris. Após um período ausente, Dick anuncia a Raoul sua volta por meio de uma carta e lhe pede para que reserve quartos para ele e uma amiga. Ao receber a notícia, Raoul passa os dias de espera a imaginar como seria a acompanhante de Dick e a ensaiar possíveis reações no momento do reencontro, desejando expressar certa indiferença. Apesar disso, o protagonista mostra-se ansioso diante de Dick, cuja acompanhante inglesa lhe profere as palavras que marcam esse fragmento de sua vida: *Je ne parle pas français*.

Tais palavras em francês regem a narrativa, já que representam o primeiro passo do protagonista em direção à sua próxima presa de nome sugestivo. O fato de *Mouse* não falar francês desperta em Raoul Duquette um sentimento de companheirismo e acolhimento para

com a desconhecida em terra estrangeira. Sendo falante nativo da língua francesa, Raoul oferece auxílio à mulher inglesa quando esta se vê abandonada por Dick no desfecho do conto, ou seja, o roedor sai de sua toca e o Fox-Terrier prepara mais uma caça.

Após verificarmos a simbologia do cão e analisarmos os hábitos e costumes de um Fox-Terrier, o camundongo (*mouse*) mostra-se ponto fundamental à plena compreensão da ambigüidade sexual, não somente de Raoul Duquette, bem como de *Mouse*. *Mouse* é composta de características indefinidas quanto à sua sexualidade, figurando uma personalidade ambígua. Ela é descrita fisicamente como uma mulher bonita, frágil e vulnerável, de cabelos escuros e longos cílios; não obstante sua fragilidade feminina, *Mouse* apresenta aspectos masculinos, como notamos no trecho a seguir em que ela e Raoul são apresentados: “[...] *We were introduced. She held out her hand in that strange boyish way Englishwomen do, and standing in front of me with her chin raised and making [...]*” (p. 56); e no trecho em que *Mouse* aceita a companhia de Raoul após a fuga de Dick, uma vez que ela não fala francês: “[...] *I shall be glad. It makes things rather difficult because – and again I clasped her boyish hand – ‘je ne parle pas français’ [...]*” (p. 65).

Conhecendo a simbologia e sua relevância para o desenvolvimento da trama, apontamos as soluções tradutórias de Érico Veríssimo. Os nomes dos personagens Raoul Duquette e Dick Harmon foram mantidos na tradução e o nome *Mouse* foi traduzido como “Camundongo”.

Conforme o *Dicionário de símbolos* (2000, p. 172), o camundongo está ligado ao rito da excisão. Tal animal veicula “a parte da alma das excisadas (a parte masculina do sexo feminino), que deve voltar para Deus para esperar por uma reencarnação”. Assim, o camundongo é o elemento intermediário entre o sexo masculino – representado no clitóris de mulheres excisadas – e o sexo feminino.

Assim, Érico Veríssimo preservou o efeito de sentido do texto de partida ao traduzir “*Mouse*” por “Camundongo”. Contudo, o texto de partida oferece uma via de interpretação adicional por meio do personagem Dick Harmon. A palavra “*dick*” é utilizada informalmente na língua inglesa falada para referir-se ao órgão sexual masculino. Dessa maneira, o personagem que carrega tal nome representa o elemento viril e másculo da relação, compondo esse triângulo amoroso juntamente com Raoul, *Mouse*. O leitor do texto em língua portuguesa não tem acesso a tal definição.

O conto de Katherine Mansfield apresenta expressões da língua francesa, tais como *passons outre, bom enfant, mon vieux, geste, comme il faut, monsieur, concierge* e o próprio título “*Je ne parle pas français*”. Elas estão dispostas no texto em itálico, uma vez que sugerem certo estranhamento ao leitor não falante do francês. Contudo, as mesmas tornam-se vocábulos assimilados pelo leitor ao tomar conhecimento da nacionalidade do protagonista Raoul Duquette, isto é, o seu idioma de origem mescla-se ao idioma da narrativa.

Na tradução feita por Érico Veríssimo, as referidas expressões foram mantidas em itálico da mesma forma que estavam dispostas no texto de partida, o que proporciona a equivalência de sentido e de interpretação ao leitor falante da língua portuguesa, pois este sentirá o estranhamento similar do leitor falante da língua inglesa. Além da permanência de expressões em francês na tradução, algumas expressões em inglês não foram traduzidas por Érico Veríssimo, como veremos a seguir:

Ou será tua aquela sombra escura que se inclina para frente, ali dentro do *cab*? (p. 54)

[...] aquelas sombras incisivas de *policemen* que significam Inglaterra. (p. 59)

[...] achando todas as casas fechadas, porque ela não tem um lar, um *home*. (p. 59)

_ A culpa não é dele, *baby*. (p. 61)

_ Escuta, não podemos tomar um *cab*, um táxi ou coisa que valha? (p. 67)

Adiantei-me como um pequeno *gentleman*, para apanhar a taça de chá. (p. 73)

It will be all-right. Não pode continuar assim. (p. 74)

Consideramos relevante a heterogeneidade do discurso tradutório de Érico Veríssimo, já que algumas palavras e expressões mantidas em francês como no texto de Katherine Mansfield e a não-tradução de certas expressões inglesas ampliam o campo interpretativo do leitor de língua portuguesa, revelando a origem dos personagens Raoul Duquette, que é francês, e Dick Harmon, que é inglês. Temos, portanto, a língua portuguesa, que é o idioma destinado ao público alvo, a língua francesa, que é o idioma pertencente à história de Raoul Duquette, e a língua inglesa, que é o idioma de Dick Harmon. Sendo assim, a tradução transita entre os três idiomas e possibilita o intercâmbio lingüístico tanto no nível da história, quanto no nível do discurso.

A maestria da narrativa de “*Je ne parle pas français*” é consequência do conjunto de elementos estilísticos capazes de desnortear um desfecho esperado e provocar a dúvida no leitor a respeito da verdadeira identidade de Raoul Duquette. Não só o leitor do conto se confunde com o choque de personalidades ambíguas, como também o próprio protagonista é perturbado com relação a quem é ele e o que ele significa para as outras pessoas. Tanto a sua identidade quanto as identidades de *Mouse* e Dick Harmon são reveladas paulatinamente por meio de suas ações e de observações verídicas ou não feitas pelo próprio Raoul Duquette.

Nesse conto, podemos afirmar que há encontros múltiplos, isto é, encontro de nações, de idiomas, de sexualidades, de interesses e, finalmente, de indivíduos complexos em suas individualidades. “*Je ne parle pas français*” é uma turva imagem do homem moderno e é a síntese da irresolução e da indeterminação das quais somos todos produto. Katherine Mansfield compôs Raoul Duquette, *Mouse* e Dick Harmon com a segurança de não assegurar nada a respeito deles e com a peculiaridade estilística de lançar pistas a fim de desvendar um mistério impossível de ser desvendado.

Érico Veríssimo seguiu suas pistas e produziu o seu outro “*Je ne parle pas français*” para que leitores de língua portuguesa pudessem conhecer a maestria literária de Katherine Mansfield. Em geral, sua tradução apresenta efeitos de sentido semelhantes ao texto de partida e possui o nível de domesticação ideal, isto é, não subestima a capacidade interpretativa do leitor e não lhe oferece expressões estrangeiras, bloqueando o fluxo da leitura.

Traduzir Katherine Mansfield transpassa os limites da recriação para atingir o que Haroldo de Campos denomina “transcrição” de poesia ou prosa poética. Portanto, Érico Veríssimo pode ser considerado um discípulo de Katherine Mansfield e de muitos outros escritores pelos quais ele tinha estima profissional. O ato de “transcriar” os contos de Mansfield formou um criador de personagens e obras de extrema relevância ao acervo literário, não somente brasileiro, como também mundial.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem e outras metas*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 31 – 47.

_____. Transluciferação Mefistofáustica. In: _____. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 179 – 209.

CÉSAR, A. C. Riocorrente, depois de Eva e Adão. In: _____. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999, p. 241 – 248.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 15 ed. Tradução Vera da Costa e Silva (et al.). Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MANSFIELD, K. *Felicidade*. Tradução Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

_____. *Je ne Parle Pas Français*. In: _____. *Bliss and other stories*. Hertfordshire: Wordsworth, 1998, p. 43 – 66.